

PROBLEMAS SOCIAES

(CONGRESSOS)

Recebi, faz semanas, o convite para assistir ao Congresso Internacional de Economia Social, a realizar-se dentro em pouco, em Buenos Aires.

Logo após, a 30 de Maio, foi-me escripta, pelos Professores Pedro B. Franco e o muito nosso conhecido D. José León Suárez honrosa carta, em que insistiam, não só no primitivo convite, mas também lembravam a vantagem de se pôr nossa Faculdade á testa de um movimento de vulgarização de institutos de melhoramento social. Eis as proprias palavras da carta: “No existiendo en esa ciudad un organismo de esta indole, que trabaje por el mejoramento social, económico y moral del pueblo, no ve usted, como temos desde aqui la posibilidad de crearlo a iniciativa de usted y de otros profesores y entendidos en cuestiones sociales?” Referem-se meus Collegas aos *Museus Sociaes* existentes em França, Hespanha, Austria, Estados Unidos e ultimamente no Chile. Quanto á nossa Faculdade, tenho a dizer que, sendo um estabelecimento modelo, do ponto de vista do ensino (comquanto sem razão, a accusem de formação de homens mais theoreticos do que praticos), é alheia a tudo quanto não se refira a esta sua função didactica. Quando se começou a applicar a lei do sorteio militar, indiquei fizesse a Faculdade um appello aos professores de Direito Administrativo e de outras disciplinas, pedindo-lhes estudassem, dando o resultado de suas investigações, o melhor modo de se organizar o exercito nacional, ou, noutros termos, qual a maneira preferivel de se attingir o maximo de segurança para a patria com o

minimo de sacrificio individual, na instituição das forças precisas para a defesa do paiz. Aos professores de sciencias economicas tambem fiz, em uma indicação, um appello analogo, mas o Director me observou que não era um dever dos professores de nossa Faculdade estudar esses arduos problemas. Em uma das ultimas congregações, lembrei aos meus collegas o valioso trabalho que, em 1912, empreendeu a Universidade de Buenos Aires para o estudo dos registos de immoveis (confiado o serviço ao Dr. Ernesto Quesada), fazendo tambem eu sentir que um douto professor de Recife escreveu, já na Revista de Direito, já na da Faculdade, dois artigos em que se entretem com as hesitações de nosso Código Civil sobre os effeitos da transcripção, assumpto pois de grande oportunidade. Não sendo um fóco a derramar luz pelo paiz, ganha, é certo, a Academia de São Paulo em forças para sua principal funcção, qual a do ensino. Não se occupa com o pagamento das visitas de Ferri, de Lapradelle, de León Suárez, comquanto dois de seus professores tivessem ido, ainda no anno passado, á Europa, onde um frequentou as principaes Faculdades, e outro foi até officialmente recebido na Sorbonne. Pinturescamente dizia-me um dos meus mais queridos collegas que só conhecia tres deveres, e só tinha tres vantagens em ser lente de Direito. Os deveres eram: 1.º ensinar a disciplina com a maior dedicacão, e mantendo-se em dia com o progresso scientifico; 2.º chamar á licção os alumnos, verificando si estavam aproveitando com o ensino ministrado; e 3.º, examinar, no fim do anno, com o maior rigor, com a mais vigilante fiscalizacão, a ver si o discipulo tinha o minimo de conhecimentos exigidos para a vida pratica. As vantagens eram: 1.ª, receber modica quantia, no fim do mez, com a qual a patria lhe mostrava a gratidão pelos seus sacrificios, e que portanto, segundo o conceito de Ihering, bem melhor esta remuneração se denomina-

ria *honorario* do que *ordenado*; 2.º, tomar, á custa dos cofres publicos, uma chavena de café ao meio dia; e 3.º, ter, a espaços, uma pratica discreta, uma cavaqueira, com algum collega que se lhe deparasse porventura no vetusto edificio, donde espira o cheiro dos velhos conventos, e onde o silencio leva a uma doce melancolia, e convida ao repouso e á meditação. Da Faculdade, pois, do estabelecimento *puramente didactico*, impossivel esperar qualquer acção. No que diz respeito porém á utilidade dos congressos, não sei como possa ser ella contestada, e todavia o é por espiritos de escól, entre os quaes o conhecidissimo Carlyle. Em seus "*Signaes do Tempo*", examina a *idade da machina*, e affirma que, até sciencia e litteratura se cultivam hoje por meio de empresas industriaes. Cita, entre os espiritos originaes, Homero e Shakespeare, e pergunta: "Foram elles poetas por meio de alguma corporação subvencionada, ou tornaram-se poetas por esse processo?" Ora responderei, Homero no entender de muitos e notaveis criticos, não passa de um rapsodista, trovador, ou cantor, de poesias populares, e portanto a Iliada e a Odyssea não são mais que obras da multidão. Shakespeare foi accusado de plagios; e estudos importantissimos de Malone e de Disraeli existem a respeito dos perpetrados por esse genio, incontestavelmente o mais original dos tempos modernos, exceptuados Dante e Milton. Aulo Gellio, em sua Noites Atticas, mostra quão efficiente é a união das forças para o progresso na sciencia ou na litteratura.

Ninguém melhor do que eu conhece o mal do isolamento. Ninguém, mais do que eu, sente o valor desta terrivel maldição: "Vae soli!" E tambem ninguém, em virtude disto, comprehende quão efficaz é o auxilio mutuo. Em meu retiro, a que as circumstancias me condemnaram, só trocando idéas com meu filho, é certo que almoço Direito Administrativo ou Constitucional, janto Economia Politica e Direito Internacional, e, por

vezes, retido em casa por noite brumal ou chuvosa, ceio um trecho de Sociologia ou de Sciencia da Administração: do romper d'alva ao apagar das luzes, converso com o meu filho, professor da Faculdade, sobre esses assumptos, e acredito que a principal vantagem dessas praticas tem sido a precisão dos conceitos nos trabalhos que publico, quando furto alguns momentos nos meus labores forenses. Mas quanta falha em nossas informações! Quanta vantagem em ouvir pessoas vindas de "longes terras", e que nos dissessem o que vae por esse vasto orbe! A tão premente necessidade acódem os congressos .. Nunca me esquecerá a scena vivissima descripta por um internacionalista sobre a reunião que os luminares do Direito das Gentes celebravam, em Londres. Após a sessão solemne, não era raro que se entretivessem os sabios em conversa longa, em dialogo sem outra ordem que a guardada pelas normas da cortezia em tal genero. Foi após uma dessas praticas que um grande professor, doutissimo na sciencia internacional, conheceu a profundeza de vistas do grande, Oppenheim, e quando, já muito tarde da noite, se retirou, estendeu a mão ao incansavel lutador pela paz, proferindo essas honrosissimas palavras, que o ingles conserva na lingua original: "Bon soir cher maître!" Darei exempló das vantagens de uma conferencia, para firmar conceitos, e para descoberta de argumentos em prol da boa doutrina. Conversava Pedro Lessa, faz alguns annos, commigo e com o meu filho ("tres faciunt collegium"). Acertámos de fallar sobre a falta de um assento logico, de uma base positiva para as doutrinas contrarias á que sustenta que a sociedade deve ser deixada ao livre jogo das forças naturaes. Confesso que eu estava impressionado com a argumentação de Scrooge, representante da opinião da média da burguezia inglesa, porquanto, pela manhã lêra, no "Christmas Book" de Dikens, a resposta do burguez ao philantropo que lhe pedia um auxilio para o natal dos pobres ("Centenary edition", pags. 15 e segs.). Interrompeu-

se a conversa scintillante de Lessa. Houve um momento de silenciosa reflexão, e logo todos, como si houvesse um pensamento unico dos tres, atinámos em 5 argumentos. O primeiro é o mais fraco, tendo o resaiço do contractualismo. Eil-os, na ordem em que os descobrimos. Primeiro: si a sociedade foi organizada, porque *todos queremos viver, todos queremos nos desenvolver*, não é possível admittir seja ella formada de tal arte que aproveite a uma minoria insignificante, não passado de um fardo insupportavel para a grande maioria. Segundo: todos devemos temer o contractoque da tyramnia. Não ha despota que não soffra os effeitos de sua maldade. As consequencias de máu acto são o algoz do delinquente. O exemplo que torna mais claro este argumento é o tirado de Novicow, e relativo ao chefe que cortou as mãos dos oleiros, e ficou privado de encontrar vasos no mercado. O egoismo bem entendido, pois, nos aconselha a assistencia. Terceiro: — a doutrina contrária não resiste ás consequencias, levada a extremo, chegaria ao absurdo, porque admittiria o aborto, o infanticidio, a matança dos velhos, a eliminação dos fracos e dos incapazes, em summa, de lutar, resultados diante dos quaes o proprio Scrooge recuaria. Quarto: — o “progenismo” faz que pensemos em nossos descendentes, e que tremamos pela sorte que lhes aguarda em uma sociedade, em que o forte opprime ao debil, ao incapaz de vencer na luta sem treguas, na concorrência vital. E’ argumento inspirado em Picard, que, com tão vivas cores, pinta o sentimento de progenismo, mysterioso e inexplicavel, graças ao qual o nosso espirito preságo se afflige pela sorte de seres que ainda não existem, e que talvez nunca existirão!! Quinto: affirma Ihering que não ha membro que seja realmente inutil na grande sociedade universal, trazendo o exemplo mais frisante da missão de Christo, mas podendo apontar mil outros. Guiados pelo espirito fulgurante do maior philosopho que conheci, eu e meu filho fixavamos na memoria os argumentos que com elle iamos produzindo, não sabendo bem si eramos nós que

os geramos, si a associação, momentaneamente formada. Contrariamente ao que diz Carlyle, eu me inclino para a doutrina de Scipião Sighelle, ao affirmar este que as multidões têm uma alma, um espirito que não é o espirito de cada um dos individuos que as compõem. Si, nas multidões delinquentes, formadas pelo refugio da sociedade, se pôde temer que essa alma seja, não a da média dos membros, mas a do infimo, nos congressos, constituídos pelo escol, nada mais natural do que esperar que a força resultante da união seja de molde a dar os mais proveitosos resultados em favor da boa causa. O mystico texto em que os gallicanos firmavam todo o seu poder “ubi sunt duo vel tres congregati in nomine meo, ibi sum in medio eorum”, parece que teve, com a experiencia através dos seculos, uma confirmação scientifica. Praza aos Céus que o pacto de Versalhes (P. 13 arts. 387 e v.), cimentado com o sangue da conflagração europeu, viceje, e produza os movimentos de luta em prol dos desprotegidos e dos fracos, mesmo entre os povos que o não subscreveram. Concorrendo, dentro de minhas forças, para a obra ingente que se planeja levar a termo em Bueno Aires, passo a dar o meu depoimento sobre o que ha nesta cidade, da qual não me arredo ha 18 annos, salvo para alguma excursão na circumvizinhança. Si, ao que vou dizer, fallece o brilho do genio que escreveu o seu depoimento para a “Historia de um Crime”, e que encheu, com o seu nome inolvidavel e com suas sonoras poesias, quasi todo o seculo XIX, será todavia, quanto á exactidão, superior ao do mestre, por não vir maculado pela paixão politica ou partidaria do exilado em Saint Malo, acrimonioso em consequencia da desgraça que o feriu.

(DEPOIMENTO)

Já, no artigo anterior, disse eu, que, nestes ultimos 18 annos, de vista conheço quasi só a parte desta capital

entre o meu escriptorio e a minha morada. Meu depoimento será mais de *ouvir dizer* do que de *sciencia propria*.

Elevados, em geral, ao quintuplo, nalguns casos, ao sextuplo, e mesmo, em alguns raros, ao decuplo, o salario dos operarios, não ha em São Paulo para essa classe, a unica que occupa verdadeiramente a attenção dos reformadores, *problema de vida*. *A carestia da vida* de nenhum modo affectou os operarios, que vivem hoje melhor do que antes da guerra, em virtude, como acabo de dizer, de ter sido elevado, em razão muito maior que a alta dos generos de primeira necessidade, o salario, havendo pois um augmento de *salario real*, e não sómente do *nominal*.

Mas o problema unicamente se deslocou. A classe immediatamente superior, do ponto de vista economico, a dos que não são operarios, mas têm salario fixo, dos funcionarios publicos, e dos empregados do commercio, dos professores particulares etc. não soffre propriamente miseria, visto como tal flagello não ha em S. Paulo, soccorridos, como o são todos os necessitados pelos processos de assistencia a que vou referir-me, mas é victima de privações, mais ou menos accentuadas. E' a consequencia natural da carestia da vida, fructo da diminuição da producção pela redução de horas de trabalho "Leroy — Beaulieu. (317 e s.), direi sem ambages, comquanto, desde já, deva adiantar que vou mostrar que não sou partidario do augmento de horas de serviço, nem de descida de salario, salvo, quanto a esta ultima medida, si houver tal melhoria nas condições de vida, pela baixa dos preços dos generos, que haja possibilidade de se manter o salario *real* de hoje, com um salario *nominal* inferior. Quero, noutros termos, que o operario continue a gozar sempre da vida folgada que hoje tem.

Ainda que se diga que a carestia da vida provem dos açambarcadores e da difficuldade de transportes, toda a gente sabe que nasceu da redução de horas de trabalho e da *desorganização* do mesmo após a confla-

gração. Duas escolas ha hoje entre os economistas: a que entende que para cessar a carestia, basta a volta ao trabalho esgotante de antes, ás 10 horas, ou mesmo ás 12, e a dos que affirmam que sufficiente é que se regularize o serviço. No *Journal des Economistes* (fasc. de 15 de Abril de 1924, pags. 41 e s.), encontra-se um excellent artigo de Georges Nouvion, buscando provar que é impossivel manter o dia de 8 horas: comquanto admiravel de erudição, não me convenceu. A' segunda opinião eu me filio, e entendo que, normalizado, methodizado o trabalho, não mais veremos as salas dos bancos e os escriptorios das casas commerciaes illuminadas a deshoras, e os pobres empregados, novos galés, a invejar as pessoas que *nas noites de luar de prata* têm, nas ruas desta bella Capital, uma illusão de que são felizes neste mundo, em que a sorte sorri para um limitadissimo numero de eleitos. Com esta classe quasi ninguem se occupa, e até o programma com que estou me entretendo só fala em *operarios (obreros)*, e apenas incidentemente permittirá alludam os membros do congresso a taes desprotegidos, nos pontos referentes ao salario minimo, á hygiene, ao repouso semanal e á fixação de horas de trabalho. (S. 2.^a P 2.^a). Com a amplitude que tem, tratando de hygiene social, de ensino, de questões agrarias, não se referiu particularizadamente o programma á classe que verdadeiramente soffre nesta bella Capital, de progresso febril, de vida agitada e agradabilissima para a quasi totalidade de seus habitantes. Será diversa noutras cidades a situação desses obreiros que empregam mais os nervos que os musculos? Só no congresso terá resposta esta minha interrogação.

Mas indispensavel é que diga eu algumas palavras sobre a origem da carestia da vida.

Acabo de ler a monumental obra (já não muito recente, visto ser de 1921) em que o sabio professor Lambert, critica a acção efficaz e decisiva dos juizes

americanos contra a legislação social. (*Le Gouvernement des Juges*). Examinando os instrumentos de que se serve o Supremo Tribunal, encontra, entre os quatro principaes, a faculdade de impedir que o poder publico ataque a liberdade contratual (*impairing the obligation of contracts*). Ora não me parece ter razão o illustre professor. Supponho que não é a acção dos tribunaes que determina a vida febril daquelle paiz, mas sim o genio laborioso, sobretudo a organização do trabalho, o mais decisivo factor, creio, do augmento da producção naquella nação. Destaco de um artigo publicado no *Journal des Economistes* (*Les Empiétements de l'Etat aux Etats Unis*) uma phrase do *Wall Street Journals* “Nossa historia, a de hontem e a de hoje está cheia dos successos, não do socialismo, mas da iniciativa individual. A grandeza da America vem de que cada um tem oportunidade de fazer O MELHOR QUE PO'DE. Cada homem aqui está de pé, e pôde alcançar o lugar e as recompensas a que seus esforços e sua capacidade lhe são direito” (Fasciculo de 15 de Janeiro de 1924, pag. 79). Do fasciculo de 15 de Fevereiro, ainda destaco um outro topico de não menor valia para caracterizar o modo de pensar americano: “O homem que, em suas horas de trabalho normal, não dá TODO O ESFORÇO DE QUE E' CAPAZ, as associações operarias que decidem fixar em 300 os tijolos para serem assentados por um operario que pôde assentar 1.200, AS QUE SE OPPÕEM A' INTRODUCÇÃO DE INVENTOS SCIENTIFICOS, são os inimigos activos do progresso humano.” E' o *trabalho intenso*, e não o maior numero de horas de trabalho que chama a attenção na America do Norte.

Mas torno ao assumpto de que me desviei, para examinar o ponto de vista norte-americano, quanto á intervenção do Estado nas relações economicas entre patrão e operario. Em uma prelecção inaugural feita pelo Professor Marc Aucuy, no Conservatorio Nacional de Artes e Officios, disse elle as seguintes palavras, que são a prova

cabal da necessidade de intensificar a produção: “Certos economistas, um no começo do século 19, Sismondi, e outro na segunda metade, Stuart Mill, haviam manifestado o desejo de que houvesse uma parada no aumento da produção, na multiplicação dos bens materiais. Não era então, sorprendente que os problemas na ordem do dia fossem antes os de REPARTIÇÃO, E QUE A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO FOSSE SOBRETUDO ESTUDADA PELO ASPECTO SOCIAL” (Journal de Economistes, fasc. de 15 de Fev. de 1924, pag. 193). Mas prosegue o mestre, mostrando que teremos de organizar o trabalho para escaparmos á miséria, que ameaça á humanidade: “A humanidade não se póde contentar com habitar ruínas,” como diz o proprio Saint Simon (pag. 195); e, logo abaixo, referindo-se aos ideaes socialistas: “Não é mais em uma melhor *repartição* que elles confiam, mas dão, em todo caso, por base uma *produção mais desenvolvida*”

E qual o remedio? Dil-o, em seguida o professor. Refere-se á organização Taylor, á *taylorização*, como dizemos todos. Depois porém indica o *fayolismo*, criação do engenheiro Henrique Fayol, verdadeiro apóstolo, que estabeleceu a organização da administração industrial e geral. De tal arte organizaram esses dois beneméritos o serviço que se póde dizer, com o mestre, ou melhor, com todos os versados e sabedores do assumpto, que “a produção moderna é uma grande orchestra” Mas tudo isto (o progresso não pára) é completado pelo que empreendeu Paulo Otlet na Belgica, de modo que hoje se methodizou, não só o serviço industrial, mas tambem todo o trabalho, mesmo o das repartições publicas e particulares.

Para confronto do que foi antigamente e do que é hoje o trabalho, refere que, na Turquia, quando se quer um papel, um *firman*, o empregado despeja um sacco, e desata os fios que ligam cada auto, desenrola ou folheia o processo, e que esta busca, morosa e trabalhosissima, é

repetida cada vez que o interessado deseja uma informação (pag. 201, nota 1). (Mas isto não só na Turquia: também em nossas repartições, mais ou menos, é assim que se procede). E em contraste: “Diziamos que as officinas taylorizadas da America são as em que o trabalho é mais curto, mais interrompido pelo repouso, mais rodeado de todas as fórmãs de conforto, as em que ha mais procura de lugares, e em que os salarios são mais elevados. pag. 203).

Em uma collecção de monographias escolhidas pelo grande economista Gide (*Effects of the war upon french economie life*), encontro a do Professor de Economia Politica na Universidade de Strasburgo William Oualid (*The effects of the war upon labour in France*), em que elle mostra o que foi a desorganização do serviço em França, e a lucta para o restabelecimento do que havia, por nós difficil de comprehender, salvo exposição nitida, como o é a do illustre mestre. Mas, si ainda não se pode organizar o serviço de producção, é intuitivo que a producção não pôde ter deixado de diminuir, si diminuiu a producção, a consequencia logica é a alta dos generos, si ha alta dos generos, si a vida é difficil, só para nos consolarmos, poderemos attribuir nosso mal estar aos açambarcadores, ou á difficuldade de transportes.

Até agora, os poderes publicos em nossa patria têm se limitado á determinação de redução de horas de trabalho, o que é excellent, direi ainda uma vez, mas não é bastante, pois que deveria tal louvavel medida ser acompanhada de uma organização do trabalho, de modo a haver o incremento da producção. Nada pôdem as autoridades? Pôdem sim, comquanto pouco se esforcem para fazer algo. E’ Gide quem nos dá um exemplo da inefficiencia da acção das autoridades municipaes, de Paris, quando poderiam muito conseguir. Diz o mais notavel dos economistas vivos: “Domingo ultimo, as cooperativas abriram suas padarias ao publico, quando as particulares

estavam fechadas, e quando AS MUNICIPALIDADES, NÃO OBSTANTE SUAS PROMESSAS TEMERARIAS, se achavam na impossibilidade de servir aos consumidores que faziam cauda.” (La Lutte pour le Profit — Leçon d’ouverture au Collège de France, 7 de Dezembro de 1922). Em um artigo publicado na Nuova Antologia, que, de momento, não posso citar mais particularizadamente, criticava um escriptor a morosidade do serviço de embarque e desembarque de mercadorias na Inglaterra, após a guerra, e louvava a promptidão com que o mesmo trabalho é feito na Allemanha. Attribuia o facto á indolencia do trabalhador ingles e ao genio laborioso do allemão. Ingleses, creio eu, e allemães são igualmente trabalhadores, mas é conhecidissimo quão viciosa é a organização do serviço operario na Inglaterra, e quão admiravel é o da Allemanha, onde tudo, pelo testemunho de todos os observadores, anda com a regularidade de um machinismo de excellente relógio.

Si ainda quasi nada se fez em nossa industria incipiente, afim de augmentar nossa producção, ha em S. Paulo um serviço de *assistencia* que, sem divida, nada fica a dever á de Buenos Aires. Ao ler eu a obra “Na Argentina”, de Oliveira Lima, ao encontrar a descripção de suas instituições de beneficencia, comparando o que me era noticiado pelo illustre patricio com o que observo em minha terra, *ufanei-me de ser paulista*, de ser brasileiro e tambem de ser filho dessa abençoada America do Sul, para onde vêm desde os filhos do extremo oriente, o Japão, até os da occidental praia *lusitana e da Hesperia ultima alongada*, de todo o velho continente, em summa, em busca da abastança que é aqui geral. Não nego que haja um ou outro pequeno abalo em nosso continente. Na Argentina mesmo, encontra-se recente exemplo de uma crise da criação, a que se refere o economista Lafont (Revue d’Economie Politique, fasc. de Nov. e Dez. do anno passado, pag. 840 e de Jan. e Fev. deste anno, pag 99). São comtudo

insignificantíssimas taes crises e de nenhum modo empanam o brilho da opulencia sul-americana, caracterizada pela existencia de bom numero de millionarios e pela fartura de que gozam *todos os que vivem nesta abençoada região*.

(QUE NOS CUMPRE FAZER?)

MESSIS QUIDEM MULTA, OPERARII AUTEM PAUCI

Sem embargo do muito que se fez nesta Capital, não é pouco o que ha ainda a cargo das autoridades, dos homens de letras e dos philanthropos.

Quando docente de Economia Politica e de Direito Administrativo em nossa Faculdade (onde hoje rege as cadeiras de Direito Internacional e de Direito Constitucional) planejou meu filho realizar conferencias, ao intento de mostrar, com a lei na mão, quaes os *deveres* das Camaras Municipaes, quaes os dos Congressos Legislativos dos Estados, quaes os dos governos (Poder Executivo) Estadoaes, quaes os do Congresso Legislativo da União, os dos outros Poderes da União e mesmo do Poder Judiciario, quer dos Estados, quer da União (destes ultimos postas em destaque as attribuições, na obra de Lambert, acima por mim citada), em relação ao melhoramento social, á protecção aos nossos irmãos mais fracos na communhão politica a que pertencemos, Esta é, creio, materia de *Direito Administrativo*. Depois, examinaria, buscando o espirito de nossa lei, a força organica do systema juridico, quaes *as iniciativas* que essas mesmas autoridades poderiam tomar, na campanha bellissima que tantos espiritos de escol, que tantos corações bem formados em defesa daquelles por quem se emprehendeu a feitura da denominada *legislação social*, não têm força para realizar. Esta é, supponho, materia pertencente á *Sciencia da Administração*. Não poudo infelizmente pôr por obra o emprehendimento em virtude de dever preparar-

se para o concurso que lhe abriu as portas de nossa Faculdade.

Não me será possível, em um artigo de uma columna do *Jornal*, dar nem mesmo as linhas de tão vasto plano de reforma social.

Não farei, nem resumo, nem summula, mas offerecerei uma indicação brevissima do que me parece aceitavel.

Ha a adaptar, com criterio, o que está experimentado nos paizes de mais velha civilização. Desde os bancos de Schultz-Delitz, e de Raffisen até á sopa dos pobres, ao *restaurant* destinado a fornecer a empregados do commercio, funcionarios publicos etc., pelo preço do custo, alimentação sadia, em lugar decente, evitando idas e voltas do escriptorio á casa, e da casa ao escriptorio, nas horas de almoço ou de jantar, tudo poderá ser objecto de experiencia por parte de nossas autoridades quando não de philanthropos, auxiliados pelo poder publico. Duas observações devo aqui collocar. A primeira é que eu acceito, em se tratando de attribuições do Estado, a formula de Romagnosi (aperfeiçoamento da de Adam Smith) de “dever o Estado fazer tudo quanto se mostrar o individuo impotente para levar a effeito.” Implicitamente está dicto que julgo que as funcções do Estado são reduzidas ao minimo nos paizes onde se mostra em seu maximo a iniciativa individual. Sou dos que pensam que o Estado é pessimo administrador, e que, portanto, só em casos extremos, póde funcionar em tal qualidade. Assim si philanthropos, como em algumas capitaes do Velho Mundo quizerem estabelecer os restaurantes, a que alludi, a funcção do Estado, pelos seus órgãos, desde a Camara Municipal até o mais elevado, deverá restringir-se á fiscalização e ao auxilio com uma subvenção. A 2.^a, é que, como ensinam os mestres em Direito Comparado, e entre elles o grande Lambert, em artigo anterior por mim citado (*Le Gouvernement des Juges*, pag. 264 e *passim*), o instituto que é optimo em um paiz póde ser pessimo em outro.

Acabo de apontar em relação aos institutos estrangeiros a serem adoptados no nosso paiz, a parte que toca ao philanthropo e ás autoridades publicas. Qual o dever do intellectual? Qual o dever do homem de letras? Não ha difficuldade na resposta: é a elle que cabe o estudo do que se tem feito, dos resultados obtidos fóra daqui, para ser, ou não, aconselhada a experiencia da instituição em nossa terra.

E pois que acabo de tratar de um instituto em proveito de empregados particulares e publicos em grandes cidades, direi que, no programma analytico dos trabalhos do congresso, se promettia o interesse por todas as classes “el bien estar del pueblo, nó unicamente de las clases obreras, SI NO DE TODAS LAS CLASES SOCIALES”, mas que, fóra a classe dos trabalhadores agricolas, não se occupou sinão dos operarios propriamente.

Torno porém ao que ha em S. Paulo, e ao que está por fazer. Quem vê os edificios da Misericordia e do Lyceu do Sagrado Coração, fica attonito e maravilhado mesmo que tenha lido o nosso orçamento, e saiba destarte que a União e o Estado, com applauso do povo brasileiro, subvencionam largamente as instituições, as obras de auxilio aos desamparados da fortuna. Mas si estes grandes institutos são admiravelmente administrados, com uma probidade que era de esperar em seus generosos e caridosos directores, nem todas as instituições pias podem dispensar a fiscalização do poder publico que as subvenciona. Extincta como se acha a funcção de fiscalização attribuida pelo nosso Direito ao Juizo da Provedoria, de Capellas e de Residuos, novos orgãos deveriam ter sido estabelecidos em nossa legislação, á maneira do que se fez nos accidentes de trabalho, na protecção dos trabalhadores agricolas (Patronato Agricola). E' uma falha que merece attenção.

Como desejo que tenha este artigo caracter pratico, vou, como um exemplo, mostrar a vantagem de serem

ouvidos os homens de sciencia, particularmente os especialistas. O assumpto relativo á habitação é dos mais complexos. O Congresso vae estudal-o pelo aspecto hygienico (S. 3.^a n. 4). Algures escrevi que o grande observador Balzac notára o inconveniente para a moral das familias na habitação em commum. Ha poucos mezes, um distincto clinico me fez saber que as habitações communs, mesmo as mais luxuosas, em que era de esperar hygiene, em razão da relativa exigencia das pessoas que as occupam, são incontestaveis productoras da tuberculose, do rachitismo, de todos os males que se originam da miseria physiologica. Quaes os laços entre molestia e a accumulacão de seres humanos? Não o póde, por agora, dizer a sciencia, mas limita-se a consignar o facto e a concluir que a economia, unica a vantagem dos *arranhacéos* ou *raspacéos*, não é compensada pelo mal que fazem elles á população, disseminando essa terrivel molestia. Medicos, advogados, engenheiros, homens dados aos estudos sociologicos e aos economicos, todos temos o dever que se attribuiu o docente a que acima alludi: vulgarizar as boas idéas em favor do melhoramento da sociedade.

Já os philanthropos fizeram muito em nossa patria, e nos diversos paizes do mundo culto. Já o Estado cumpriu o seu dever subvencionando obras pias, e só lhe resta fiscalizar a applicação desse auxilio. E' a vez dos letrados que, segundo a feliz expressão de Achilles Loria, são o elemento de equilibrio entre os capitalistas e os trabalhadores, fazendo o fiel da balança ora pender para um lado, ora para outro.

Na imprensa, na tribuna e por outras maneiras de publicidade, têm alguns homens de letras (professores mesmo de escolas superiores) sustentado que tudo quanto se tem feito em beneficio das classes fracas é devido ao medo que o burgues tem da *sabotagem*, da parede ou *grève* e emfim da violencia contra o individuo ou contra a sociedade, na fórma do assassinato ou da revolução social. Ora

isto me parece tão accetivel como ter sido a abolição da escravidão devida a temerem os donos de escravos as violencias por parte destes. E' crença que convem desarraigal do espirito da gente menos culta na sociedade, e vulgarizar a boa doutrina de que a luta entre as classes tende a diminuir, que ella só póde trazer desvantagem para a communhão e para as classes mais fracas, e que enfim a harmonia dos interesses do trabalho e do capital é tudo quanto ha de mais salutar para o bem estar commum (Schmoller V 2, paragrapho 135).

Aconselha-se a *alphabetização* como um dos remedios contra os males sociaes, mas cumpre que os homens de letras á imitação de Gide, façam sentir que a educação professional é o complemento indispensavel para ser proveitosa a leitura e a escripta. Saber ler e escrever sem ter uma profissão, é o mesmo, diz Huxley, em um de seus discursos sobre a educação, que possuir um talher, e não ter o que comer. Não estará finda a nossa missão quando houvermos vulgarizado esta opinião de Gide e de Huxley, mas resta o mais grave dos problemas, em que de leve tocou Gide: preciso se faz atacar terrivel preconceito de que ha trabalhos nobres e outros que não o são, e implantar na nova sociedade que se vae formando a sã crença de que todo serviço honesto nobilita o trabalhador. Cabe-nos mostrar que a divisão em classes é o resultado fatal da especificação de funcções, e que é indispensavel para o progresso da sociedade (Wagner, Fundamentos, paragrapho 243).

Uma outra idéa deve ser obra de nossa particular attenção, e vem a ser a de fixar bem que a esmola é um ultimo recurso, como o é, em materia criminal, a pena. *Sempre teremos pobres*, affirmam as letras santas, e é these que os economistas dão como inconcussa. *Sempre haverá crimes*, dizem os penalistas. Ao jornalista, ao versado em Criminologia cumpre indicar os meios de reduzir ao minimo a criminalidade e ao economista, ao ver-

sado em Sociologia corre o dever de buscar os meios de reduzir quanto possível a indigencia na sociedade: estudados os factores do crime, descobertos os factores da miseria, resta buscar os meios de os atacar. Impõe-se portanto como sendo das mais prementes necessidades, não poupar esforços na criação e educação da infancia e na formação profissional dos adultos, e neste sentido campanha eterna devem manter os intellectuaes. Um dos mais tristes factores da pobreza, da indigencia, da miseria, do proletariado, é precisamente a falta de habilitações para a lucta pela existencia, na sociedade actual. Derrame-se no espirito das classes juvenis a instrucção que habilite a ganhar o pão quotidiano, e que ponha mesmo no caminho da riqueza, e muito se terá conseguido em pról da felicidade da communhão.

O notavel poeta Guerra Junqueiro dizia em versos peregrinos, que aberta uma escola se fecha uma cadeia. Não o creio! Julgo que a razão está como o philosopho Spencer ao sustentar que saber que os tres angulos de um triangulo valem dois rectos não torna um homem melhor moralmente. Estou porém convencidissimo de que, á medida que se augmentarem as escolas que habilitem para uma profissão, diminuir-se-ão os asylos de mendicidade.

Uma idéa porém devemos semear, e vem a ser que a violencia escalar um burguez, atirar uma bomba de (dynamite, fazer parede ou sabotagem) redunde em chamar a antipathia para a causa dos proletarios: tenham todos presentes que o espirito reaccionario de Pio IX veio de ter elle sido testemunha do assassinato de seu ministro Rossi por Jergo.

Eis as considerações que me suggeriu a leitura do programma realmente luminoso dos mestres que tiveram a iniciativa do congresso a realizar-se em Setembro deste anno em Buenos Aires.

JOÃO ARRUDA.
